

ESTRATÉGIAS DOS ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS EM SEUS DESLOCAMENTOS DIÁRIOS *DE E* *PARA A UFRJ*¹

STRATEGIES OF LICENSING STUDENTS IN SOCIAL SCIENCES IN THEIR DAILY DISPLACEMENTS TO AND FROM UFRJ

Sara Esther Dias Zarucki Tabac²

RESUMO

Neste artigo, pretendemos apresentar uma parte da pesquisa realizada com estudantes de licenciatura em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dentre as questões abordadas no artigo, a problemática central é a seguinte: quais são as estratégias adotadas pelos estudantes para se deslocarem, diariamente, *de e para* a universidade? Aspectos relacionados ao local de moradia, incluindo cidade e bairro e não excluindo os meios de transporte, são algumas das questões discutidas e debatidas neste artigo e abrem caminhos para futuras discussões sobre desigualdades educacionais e sobre uma geografia de oportunidades para além de políticas públicas focadas no acesso dos estudantes ao ensino superior público. O artigo embasa-se em uma pesquisa qualitativa, que mescla entrevista e questionário, a fim de realizar um levantamento acerca desses universitários; os resultados apontam que o prestígio e a possibilidade de estudar na UFRJ fazem com que estratégias para driblar os desafios diários relacionados à distância sejam criadas por estes estudantes que ambicionam concluir sua graduação nesta instituição de ensino.

Palavras-chave: Desigualdades educacionais. Deslocamento urbano. Ensino Superior.

ABSTRACT

In this article, we intend to present a part of the research carried out with undergraduate students in social sciences at the Institute of Philosophy and Social Sciences at UFRJ. Among the issues addressed in the article, the central issue is: What are the strategies of students with daily commuting to the university? Aspects related to the place of residence, including city and neighborhood and not excluding the ways of transport, are some of the issues discussed and debated in this article and open the way for future discussions on educational inequalities and a "geography of opportunities" apart from public policies focused on access students to public higher education. The article used qualitative research combining an interview and a questionnaire in order to conduct a survey about these students. The results indicate that the prestige and the possibility of studying at UFRJ mean that strategies to circumvent the daily challenges related to distance are created by these students in order to complete the undergraduate course.

Keywords: Educational inequalities. Mobility urban. Higher Education

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutoranda em Ciências Sociais PPCIS\UERJ. Mestra em Ciências Sociais PUC-Rio. Especialista em Sociologia Urbana UERJ. Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais PUC-Rio. Pesquisadora na área da sociologia da educação, educação e modernidade, acesso e permanência de estudantes no ensino superior e formação de professor de sociologia.

1. INTRODUÇÃO

Elasticidade - termo que pretende explicar a maleabilidade necessária para o deslocamento diário da casa para a universidade e vice-versa e que foi empregado por uma das componentes do grupo de entrevistados, ao descrever seu dia a dia. Nas palavras dessa aluna entrevistada: “Precisa se adaptar, ter uma rotina de dormir em uma cidade e, no dia seguinte, estar, antes do amanhecer em outra, para poder fazer licenciatura em Ciências Sociais na tão prestigiada Universidade Federal do Rio de Janeiro”. Entender o sentido da distância que percorre quase que diariamente - do Largo de São Francisco, local do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (doravante UFRJ), onde assiste a aulas, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente perto do metrô da Uruguaiana, até sua moradia na cidade de Maricá nos mostra que a Sociologia está presente em todo o artigo ao promover uma discussão que vai além do âmbito físico. No decorrer deste trabalho, pretendemos mostrar, a partir das falas dos estudantes entrevistados, que a cidade é uma construção social repleta de suas próprias lógicas e de sentidos atribuídos pelos seus cidadãos.

Este artigo está localizado no campo que envolve não somente a percepção das desigualdades geradas pelas diferentes origens sociais dos alunos, mas também na compreensão do efeito da cidade no dia a dia desses alunos. As políticas públicas educacionais, dentre elas as políticas de Reestruturação do Ensino Superior – REUNI (BRASIL, 2005), permitiram o ingresso no ensino superior de pessoas de diferentes origens sociais. Por que é, então, necessário pensarmos em uma geografia de oportunidades?

Segundo Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (2010), a resposta mais adequada a essa indagação é a inserção dos efeitos dos contextos sociais construídos pela organização social do território sobre as condições efetivas de escolarização de crianças e jovens. Ainda conforme o autor, as pesquisas que visam à conjugação entre a sociologia da educação e a sociologia urbana são importantes para nos aprofundarmos na discussão sobre as desigualdades de oportunidades no Brasil. Esse é o movimento que esta pesquisa busca realizar.

Situamos esse estudo mais precisamente no subcampo de trabalhos sobre o ensino superior e, mais especificamente, na formação do professor de Sociologia no curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFRJ. A atenção do leitor é necessária a um recorte, visto que permeia muitos aspectos, relacionados ao âmbito da sociologia urbana. O destaque é dado ao que denominamos “estratégias”, utilizadas pelos alunos para o deslocamento *de e para o*

campus do IFCS³. Essa questão do deslocamento está situada sob uma lógica relacional e de perspectiva de cada aluno sobre o que é “morar longe” ou “morar perto” do IFCS. A cidade se torna também um elemento crucial da pesquisa. Não será somente olhar para ela como mais uma urbe, mas sim compreender as articulações, para pensarmos elementos que a deixam mais desigual. Para Georg Simmel (1976), a cidade é o espaço de demarcação das desigualdades, sendo, por si só, já excludente. Em virtude dessa afirmação, almejamos a resposta ao seguinte questionamento: quais estratégias esses estudantes utilizam para lidarem com essas desigualdades diárias, explicitadas pelas ações de ir para o IFCS e de lá sair diariamente?

A importância dessa pesquisa instaura-se, portanto, sob duas perspectivas. A primeira perspectiva é a aprovação da lei 11.684, de 02 de junho de 2008, tornando obrigatório o ensino de Sociologia na grade curricular do Ensino Médio⁴. Com tal decisão, surgiu a necessidade de novos profissionais de Ciências Sociais habilitados e licenciados ministrarem aulas de Sociologia no ensino médio. A segunda é uma demanda que se encontra na segunda justificativa dessa pesquisa, respaldada na homologação da Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) /CP nº 2, de 1º de julho de 2015⁵. Tal regulamentação exige a reformulação de todas as licenciaturas, na medida em que é preciso aumentar a carga horária dos cursos, fato que evidencia, ainda mais, a importância do debate e da compreensão acerca da formação desses futuros educadores.

É, pois, de suma relevância contextualizarmos este trabalho em dois eixos. O primeiro está no âmbito da própria disciplina, a Sociologia e de sua intermitência no currículo escolar. Enquanto se realizava a pesquisa ao campo, no ano de 2017, concomitantemente o ensino médio brasileiro estava passando por uma de suas grandes mudanças com a lei 13.415/2017⁶, determinando a sua reforma; era a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em discussão à época e hoje aprovada, suas determinações atingem não somente a disciplina de Sociologia como também a formação de seus professores.

³ O IFCS está localizado no Largo São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro. Esse espaço é considerado uma região central da cidade do Rio de Janeiro

⁴ Para um debate mais profundo sobre as disputas políticas que culminaram com a lei, recomendamos a leitura da dissertação de Gustavo Cravo. *Link* aqui:

(www.labes.fe.ufrj.br/download/?ch=eb30fe564525c94a6b61ebb72a0e9cf2) Acesso em 10/05/2018

⁵ Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. *Link* aqui: <http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/21028-resolucoes-do-conselho-pleno-2015> (Acesso em 10/05/2018)

⁶ Lei na íntegra: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm (Acesso em 12 jun. 2020)

Com a sua aprovação pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), a proposta de “flexibilização da organização curricular por itinerários formativos” (BNCC, 2017) e de estabelecimento de competências nas áreas de conhecimento, determina que somente as disciplinas de português e matemática são obrigatórias nos três anos do ensino médio, podendo as demais serem distribuídas ao longo do período.

A Sociologia, pois, estará presente dentro da área de conhecimento das “ciências humanas e sociais aplicadas” com a História, a Geografia e a Filosofia. Com essas mudanças para serem implementadas, entendemos que a Sociologia, ao ser constituída como “estudos e práticas” (BNCC 2017), poderá perder espaço na grade ao ser desmembrada como competência dentre outras categorias e áreas de conhecimento.

Outro ponto não menos importante está centrado na autonomia dos estados para a manutenção, ou não, da Sociologia em sua grade curricular. A disciplina específica e obrigatória depende da mobilização de cada estado e município com sua autonomia. Por isso, cada um poderá decidir se a manterá no ensino médio. E todo esse processo decisório terá de ocorrer durante a implementação da Base Nacional Comum, até o ano de 2022, conseqüentemente.

Outro eixo essencial para a compreensão das mudanças da disciplina Sociologia no ensino médio está no âmbito da formação dos docentes da educação básica. No dia sete de novembro de 2019, foi aprovado pelo Conselho Pleno e pela Câmara de Educação Básica do CNE, em sessão extraordinária, o parecer que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum de Formação Inicial de Professores da Educação Básica visando a alterar as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs)⁷ de 2015 que já realizavam modificações nos cursos de licenciatura, alterando toda a política nacional de formação de educadores.

A resolução aprovada está de acordo com as determinações da Base Nacional Comum Curricular, uma vez que visa a alinhar todas as mudanças curriculares acerca da formação dos profissionais da educação. O artigo 8, por exemplo, determina que os currículos de formação de docentes terão, por referência, a BNCC. Todas essas alterações vão atingir diretamente a estruturação do corpo docente, destinado a ministrar aulas de formação de professores em Sociologia. Dentre os pontos a serem destacados neste artigo, estão as competências profissionais docentes, que serão compostas por três dimensões: conhecimento, prática e

⁷ Para a resolução na íntegra: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file> (Acesso em 12 jun. 2020)

engajamento profissionais. Além do aumento da carga horária da licenciatura para três mil e duzentas horas, há também as mudanças na formação continuada e em sua obrigatoriedade, resultado de uma legislação própria. Ademais, existe a determinação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) de implementar um sistema de avaliação da qualidade do egresso, aferindo, assim, suas competências profissionais, enquanto docentes.

Todas essas modificações estão em estágio de adaptação nas instituições escolares e ficaram perceptíveis nas entrevistas, nas “conversas de corredor” entre os alunos. E, a cada novidade, comentários ocorriam antes do início das aulas. Devemos, pois, definir essas mudanças como elementos que perpassam a vida acadêmica destes alunos, estando subentendido que a dedicação e a determinação, para a integralização do curso, foram concebidas em um contexto de incertezas.

Neste artigo, refletimos acerca dos seguintes dados relativos da pesquisa: análise da relação dos estudantes com a cidade e seu deslocamento, quase que diário, bem como sua relação com a própria universidade, no caso, a UFRJ.

O cerne da pesquisa está na discussão de estratégias de permanência e de deslocamento dos alunos no curso noturno de licenciatura em Ciências Sociais, ofertado na unidade de ensino, intitulada Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, que é uma extensão da UFRJ, vinculada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas. do IFCS. Dentre as conclusões levantadas, destacamos, sob uma ótica geral, a relação dos discentes com a universidade, abordando questões como dificuldades para a permanência dos que moram em outros municípios. Para delimitar o objeto desta pesquisa, é necessário informarmos que o curso pesquisado ocorre no período da noite nessa universidade. Esse é um ponto capital, uma vez que reforça a importância não somente da pesquisa, mas de políticas que permitam o deslocamento desses estudantes *da* e *para* a instituição. A própria estrutura física da universidade, com poucos recursos, foi bem criticada pelo alunado... Segundo os entrevistados, uma das salas de aula do curso era composta por um ar-condicionado, que não funcionava por estar quebrado. Havia também um número insuficiente de ventiladores de teto, apenas dois, incapazes de atender o quantitativo das pessoas que estavam na sala. Essa situação se agravava nas noites de calor carioca, cujas temperaturas são normalmente altas. A manutenção da bandeja universitária, que poderia ofertar a alunos uma refeição balanceada e crucial aos que, por residirem em localidades longes, talvez nem tenham condições de cozinhar em suas casas, é extremamente importante de ser pensada.

Válido é afirmar que todo esse triste e terrível panorama é o reflexo de um projeto antigo de sucateamento das universidades públicas.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO

Para conhecer o perfil dos alunos de licenciatura em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, fizemos algumas escolhas metodológicas e recorreremos à investigação qualitativa (PEIRANO, 2014) em uma turma da disciplina de “Didática” cujo acompanhamento nos foi permitido por cerca de seis meses no período de 2017.2, ou seja, correspondente ao segundo semestre de 2017. Analisamos, mais criteriosamente, as falas de seis estudantes desse grupo, que se colocam à disposição aleatoriamente para entrevistas semiestruturadas e gravadas. Para a coleta dos resultados a que chegamos, aplicamos, no total, vinte questionários fechados. As entrevistas e os resultados dos questionários foram transcritos e categorizados e serão apresentados no decorrer deste artigo. O leitor irá encontrar uma interpretação das categorias acerca da distância, do deslocamento e das estratégias desses alunos para frequentarem as aulas no IFCS/UFRJ.

3. UM BREVE LEVANTAMENTO: O CASO DA USP

Wilson Almeida (2009), em sua pesquisa sobre alunos em desvantagem econômica que ingressam na Universidade de São Paulo (USP), expõe um retrato não somente desse novo estudante, como também reforça a ideia de que ingressar em um curso superior no Brasil ainda é uma marca de distinção extremamente valorizada. Para o autor, as experiências de ações afirmativas são exemplos da maneira pela qual os projetos de inserção de milhares de jovens brasileiros no ensino superior têm focado mais precisamente a necessidade de reforçar a ideia de que obter um diploma de ensino superior não deve ser subordinado às condições socioeconômicas da família em que os candidatos nasceram. Romper com esse paradigma é um dos desafios que esses universitários passam diariamente. Almeida (2009) reforça a percepção de que o ponto de discussão já extrapolou a etapa de acesso à universidade e está presente agora no processo de manutenção, ou não, desse jovem no ensino superior.

Para exemplificar essa abordagem, Almeida (2009) realizou a pesquisa, tendo como base três eixos: 1) a socialização no ambiente familiar; 2) a reconstrução da trajetória de ingresso e 3) a socialização universitária. As dificuldades encontradas no cotidiano universitário envolvem, não só a adaptação à linguagem e aos códigos acadêmicos, como

também a socialização e circulação no meio acadêmico, tanto entre os colegas, como também entre os professores.

Nesse sentido, Almeida (2009) reforça a importância de se observar a vida universitária para além da realização formal do curso e se pergunta como se realiza o trânsito no ambiente da USP por esse grupo de alunos? O autor verificou que, no Brasil, havia poucos estudos aprofundados sobre a permanência no ensino superior, e que muitos lidavam somente com o processo de chegada ao ensino superior e com sua relação como um todo. Poucos falavam sobre o que o estudante pode extrair efetivamente de seu percurso acadêmico.

No processo de escolha da amostra, Almeida (2009) salientou a importância do destaque aos cursos com média ou baixa disponibilidade de vagas. Basicamente compostos pelas licenciaturas, pela contabilidade, pelas ciências biológicas e pela enfermagem. Esse pesquisador conseguiu uma amostra de dezessete (17) estudantes que aceitaram participar da pesquisa, formada por alunos que se encaixavam no perfil socioeconômico descrito pelo autor. Foram produzidos relatos de histórias singulares desses atores sociais através de suas trajetórias pessoais. Trajetórias essas que retratam diversas histórias de superação e de anseio para ingressar no ensino gratuito e de qualidade que a USP forneceria, incluindo a visão idealizada que muitos vestibulandos têm dessa instituição. Essa perspectiva fica presente ao longo da pesquisa, mostrando sobretudo que esses estudantes representam o que Almeida (2009) considera serem “pobres diferenciados” ao possuírem informações, modelos e incentivos acima da média geral.

Mesmo ao se aproximarem em muitos pontos, as singularidades também estão expostas e ficam claras nas falas dos entrevistados. O ponto que permite ligá-los e diferenciá-los de outros segmentos sociais é obtido pela falta de capital familiar e de informações sobre a universidade. Almeida (2009) afirma que elementos como um ambiente familiar com certa estabilidade emocional, um olhar atento de pais que valorizam a educação como ferramenta para mobilidade social e o papel de mães em incutir o hábito de leitura desde a mais tenra idade” (ALMEIDA, 2009. p 188) são basilares para a conquista de uma vaga.

Apesar de esses estudantes não possuírem vantagens culturais de prestígio nesse ambiente, demonstram carregar outros valores não menos importantes do que a boa condição financeira. Dentre os que existem, há os seguintes: determinação, independência, responsabilidade, maturidade e postura pró-ativa. Os limites, segundo o autor, estão presentes quando se problematiza o processo de “escolha” dos cursos. As carreiras mais disputadas da

USP estão distantes das opções dos vestibulandos, o que gera conflitos internos e, muitas das vezes, colide com uma visão idealizada da própria universidade.

O convívio com dificuldades econômicas e simbólicas apareceu na pesquisa por meio destes peculiares obstáculos: dificuldade na compra de livros, ausência de computadores, pessoais e falta de dinheiro para consumo no restaurante universitário. No âmbito cultural, as dificuldades aparecem na falta de domínio de línguas estrangeiras e na base conceitual necessária para um melhor aproveitamento e um adequado contato com teorias científicas. A ausência desse “habitus” universitário é algo também observado na pesquisa com os alunos da UFRJ. Por isso, as dificuldades tornam-se um processo penoso que exige uma habilidade e uma administração de tempo, não alcançada por todos. Essas questões vão ser melhor tratadas no tópico a seguir e observadas na análise dos dados.

4. OS OLHARES MICROSSOCIAIS SOBRE A DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS: QUANDO A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO SE ENCONTRA COM A SOCIOLOGIA URBANA

Neste tópico, iremos nos aprofundar no debate construído historicamente pela Sociologia da Educação, tendo como pano de fundo as desigualdades de oportunidades educacionais. O dado a ser enfatizado e inserido a esta pesquisa é a mobilidade diária dos estudantes. Diante disso, fazemos o seguinte questionamento: como pensar uma universidade sem levarmos em consideração sua localização e, principalmente, seus efeitos do território sobre as condições reais de possibilidade desses estudantes? É significativo, pois, delimitar precisamente o espaço físico onde se enquadra o IFCS/UFRJ: Largo São Francisco de Paula, número 1, no Centro do Rio de Janeiro⁸.

O local está inserido em uma das regiões mais centrais da cidade do município do RJ e é de fácil acesso, tendo em vista a proximidade com estações do metrô, do VLT e de pontos de ônibus. A desigualdade de oportunidades educacionais envolve não somente o acesso ao ensino superior, como também a compreensão de quais são os instrumentos ofertados a esses estudantes para o seu deslocamento diário até a universidade. Esse enquadramento leva à seguinte indagação: qual cidade é a vivida por esses estudantes? Essas e outras questões foram

⁸ Deixo à disposição um *link* para acesso no Google Maps para uma melhor visualização do objeto: <https://www.google.com.br/maps/place/UFRJ++Instituto+de+Filosofia+e+Ci%C3%A2ncias+Sociais/@-22.905342,43.1834627,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x997f6763135995:0xf892d62d34bf5b7!8m2!3d-22.905347!4d-43.181274> (Acesso em 26/04/2020)

realizadas no questionário e aprofundadas nas entrevistas. Segundo Ribeiro (2010), os atuais estudos no âmbito da Sociologia da Educação consideram a vizinhança e o bairro como instâncias capazes de gerar desigualdades educacionais. Ainda segundo o autor, poucas pesquisas consideram contextos sociais extraescolares, tais como: as condições de habitação, de concentração territorial de pobreza etc.

Adicionamos a esses exemplos, as redes de transporte intramunicipais e intermunicipais e a atenção que devemos ter ao pesquisarmos uma universidade localizada na zona central da cidade. Relevante é lembrar que não estamos tratando de uma cidade qualquer. Estamos falando de um grande aglomerado urbano que apresenta especificidades de uma metrópole.

Nas metrópoles brasileiras, enfrenta-se a face mais aguda dos desafios de uma sociedade que consolida a democracia e homogeneiza os valores das crenças republicanas – processo fortemente relacionado com a universalização da educação básica, mas que, ao mesmo tempo, mantém e aumenta as desigualdades sociais (RIBEIRO, 2010, p.40).

O conceito de geografia de oportunidades está baseado na ideia de que a estrutura, a qualidade e o acesso a oportunidades, no caso aqui educacionais, variam de acordo com as características socioeconômicas dos bairros / vizinhanças. Para Campelo e Alves (2012), a estrutura, a qualidade e o acesso a oportunidades oscilam de uma área para a outra. Um dos aspectos da geografia de oportunidades está relacionado aos mecanismos da segregação urbana que afetam diretamente a distribuição objetiva da estrutura de oportunidades. Discutida mais amplamente pela teoria do desajuste espacial no mercado de trabalho, esta hipótese também passou a ser utilizada para entender as barreiras espaciais no acesso à saúde e à educação. Na área educacional, as autoras são enfáticas em dizerem que podemos pensar que as oportunidades e as escolhas dos indivíduos são afetadas pela quantidade e pela qualidade de escolas oferecidas em suas vizinhanças.

Aprofundando-se mais no debate acerca das desigualdades, trazemos autores importantes para a discussão. Segundo François Dubet (2003), o cidadão seria cidadão do mundo, em pé de igualdade em condições de vida e de trabalho, regidas pela justiça. As mudanças regidas pelo sistema capitalista, com a criação de complexas redes de ordenamento social e estratificação, passaram a ter novos significados e consequências na vida dos indivíduos. Dubet (2003) vai além da análise de Thomas Marshall (1967).⁹ ao se preocupar não

⁹ Thomas Marshall (1967) é uma referência importante quando discutimos as implicações da cidadania no âmbito político e social. Mais especificamente no âmbito da educação, ele irá ser útil para compreendermos melhor as desigualdades de acesso à educação. Para um maior aprofundamento, pode-se fazer a leitura em:

somente com as desigualdades que perduram na construção da cidadania moderna, mas com outras que se constroem a cada dia. Segundo o primeiro autor, um mesmo indivíduo, ou um mesmo grupo, pode ver a igualdade aumentar em algumas áreas, como no caso da saúde e, até mesmo, da educação, enquanto que a desigualdade cresce em outras esferas. “Se a Finlândia é menos desigual que a Grã-Bretanha, não é porque lá as ‘leis’ do capitalismo são fundamentalmente de outra natureza, porque, a partir dessas ‘leis’, os atores e os sistemas políticos agem diversamente.” (DUBET, 2003, p. 22).

Esse autor afirma a importância de se analisarem as desigualdades como um conjunto de processos sociais, de mecanismos e de experiências coletivas e individuais. É o que ele chama de “dupla natureza da desigualdade”, no sentido de que algumas reduzem, enquanto outras se desenvolvem.

Ao discutir a desigualdade em Marx, Dubet (2003) é categórico ao afirmar que a desigualdade não se constitui uma herança do passado, mas sim, uma estrutura presente na sociedade capitalista. São relações de classe estabelecidas dentro de uma ordem econômica na qual as desigualdades são consideradas como elementos chave para a sobrevivência do sistema.

Esse encontro entre a igualdade democrática e as desigualdades capitalistas geraria a formação do Estado - Providência, que, segundo Borja (1998), permitiria o surgimento de um sistema de proteções e de direitos sociais.

Dubet (2003) cita Bourdieu (1998), ao destacar que, se a democracia pode ser definida como uma ampliação do acesso a um bem, a distinção acaba reafirmando outras desigualdades. O acesso a bens de consumo, tais como: carros, moradias, tecnologia, segundo Bourdieu (1998), é um instrumento que apresenta uma perspectiva contraditória acerca da igualdade de acesso. No campo educacional, a massificação escolar permitiu o acesso de filhos de operários ao ensino superior, mas Dubet (2003, p. 33) enfatiza que essa democratização é amplamente segregadora.

Pesquisas recentes,¹⁰ inclusive no Brasil, reafirmam a perspectiva de Dubet (2003) e apontam que o acesso não é igual, envolvendo cursos de menor prestígio e com mais facilidade

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200010 (Acesso em 27/08/2018).

¹⁰ Pesquisas na área do Ensino Superior: HERINGER, R. R.; HONORATO, G. “Políticas de permanência e assistência no ensino superior público: o caso da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)”. In: BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. (Org.). Ensino Superior: expansão e democratização. 1ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014,

de ingresso pelo vestibular ou pelo Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Dubet (2003) afirma que os filhos das categorias superiores conquistaram o que ele chama de “monopólio nas formações elitistas e lucrativas”. Trata-se de uma nova hierarquia estabelecida entre os cursos de graduação. Esse deslocamento da desigualdade, as chamadas pelo autor “microdesigualdades”, provocou, assim, um deslocamento da questão social. Hoje podemos destacar as desigualdades de gênero, por exemplo. Mesmo com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, as diferenças nas áreas de emprego aprofundaram uma nova desigualdade. As desigualdades étnicas também passam por um processo semelhante, já que, segundo Dubet (2003), a dificuldade de integração entre os grupos é algo evidente em alguns lugares pesquisados pelo autor. “Enquanto os imigrados constituem a faixa inferior do proletariado, as minorias se definiram apenas por suas identidades e estigmatizações étnicas e culturais, a minoria acaba existindo apenas no olhar que a estigmatiza e produz sua desigualdade” (DUBET, 2003, p. 41). No entorno dessa discussão sobre igualdade e desigualdade, a escola se torna o ambiente formal de condições de acesso para todos. O fracasso acaba sendo visto como um elemento individual, e não como algo mais profundo, padronizado e objeto de pesquisa da Sociologia da Educação.

Em “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”, Pierre Bourdieu (1998) apresenta questões básicas da educação que se tornaram elementos essenciais a uma “sociologia da reprodução”. Pensar elementos de igualdade, de desigualdade e de mobilidade social à luz *bourdieusiana* agrega elementos questionadores de uma “escola igualitária”. Nessa passagem, fica evidente a posição dele:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural” (BOURDIEU, 1998, p. 41).

As oportunidades de acesso ao ensino superior não são o resultado de uma simples seleção. Para Bourdieu (1998), a reprodução dessas desigualdades mostra o quão evidente é o peso desigual sobre os sujeitos de diferentes classes sociais. Para ele, “um jovem da camada

v. 1, p. 315-350. HONORATO, Gabriela; HERINGER, R. R. (Orgs.). Acesso e Sucesso no Ensino Superior: uma Sociologia dos Estudantes. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015. v. 1. 238p.

superior tem oitenta vezes mais chance de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e, quarenta vezes mais que um filho de operário e suas chances são ainda duas vezes superiores às daquelas de um jovem da classe média” (BOURDIEU, 1998, p. 41).

Essas crianças e jovens que não são beneficiários desse sistema de oportunidades de ingresso no ensino superior acabam passando despercebidos e justificam um debate acerca das diferenças de dons. Essa ação do privilégio não é muito reconhecida; o capital cultural não é algo simples de ser mensurado, pois envolve transmissão direta e indireta de um sistema de valores interiorizados que contribuem para redirecionar as relações frente à escola (BOURDIEU, 1998, p.42).

O capital cultural está presente na relação entre a família e no sucesso do aluno no meio escolar. Os chamados “bons alunos” não são caracterizados somente em função da renda; visto que a ação do meio familiar sobre o sucesso escolar é basicamente cultural, segundo o autor.

Os jovens das camadas superiores se distinguem por diferenças que podem estar ligadas a diferenças de condição social, também os filhos das classes populares que chegam até o ensino superior parecem pertencer a famílias que diferem da média de sua categoria, tanto por seu nível cultural global como por seu tamanho: dado que, como se viu, as chances objetivas de chegar ao ensino superior são quarenta vezes mais fortes para um jovem de camada superior que para um filho de operário (BOURDIEU, 1998, p. 44).

Esse pesquisador encerra o texto lançando uma questão: “a melhor maneira de provar em que medida a realidade de uma sociedade ‘democrática’ está de acordo com seus ideais não consistiria em medir as chances de acesso aos instrumentos institucionalizados de ascensão social e de salvação cultural que ela concede aos indivíduos das diferentes classes sociais?”

A temática da educação envolve a discussão acerca da desigualdade de acesso ao sistema educacional e, como visto anteriormente, isso atinge os grupos minoritários que se constituem membros excluídos do sistema. A luta por reconhecimento desses grupos se tornou uma das grandes pautas de discussão do século XXI, o que Nancy Fraser (2001) denomina ser o “reconhecimento das diferenças”. Sob a ótica de bandeiras relacionadas à nacionalidade, etnicidade, raça, gênero e sexualidade, esses grupos políticos estão no embate por reconhecimento e por redistribuição. A luta não é somente dentro de um sistema desigual do ponto de vista material; os poderes simbólico e cultural também são de suma importância para as demandas atuais. Nesta passagem, fica claro o ponto de discussão defendido por Nancy Fraser (2001): “Devemos encarar isso como uma nova tarefa intelectual e prática: a de desenvolver uma teoria crítica do reconhecimento, uma teoria que identifique e defenda apenas

versões da política cultural da diferença que possa ser coerentemente combinada com a política social da igualdade.” (FRASER, 2001. p. 246).

Nesse sentido, o desafio proposto pela autora busca agregar as duas demandas, de modo que uma não deslegitime a outra no decorrer da ação. Mas a questão ainda está presente, e essa estudiosa questiona: “em que circunstâncias uma política de reconhecimento pode apoiar uma política de redistribuição?” Nas lutas por igualdade social, como a variável política de identidade se encontra?

Essas questões envolvem diversos grupos políticos que lutam por seus direitos, por espaços de igualdade e por reconhecimento. Em um cenário de profunda desigualdade material, as reivindicações por justiça social apontam nesses dois sentidos. Assim, o discurso se encontraria, na opinião da autora, dividido entre reivindicações por redistribuição de um lado e reconhecimento de outro.

Fraser (2001) ressalta que a separação desses dois elementos teria somente um cunho analítico, tendo em vista que, na prática, os remédios redistributivos pressupõem uma concepção subjacente de reconhecimento, assim como remédios de reconhecimento pressupõem uma concepção de redistribuição.

As categorizações raciais, por exemplo, envolvem lutas históricas que vão muito além do âmbito econômico. Esses embates tornaram-se, assim, uma categoria analítica cultural valorativa que precisa ser analisada sob a ótica do reconhecimento. E essa depreciação abarca inúmeras questões que já estão presentes há anos. Nas palavras de Fraser:

Representações estereotipadas humilhantes na mídia como criminal, bestial, primitivo, estúpido e assim por diante; violência e agressão em todas as esferas da vida cotidiana; sujeição a normas eurocêtricas nas quais as pessoas de cor são vistas como desviantes ou menores e que trabalham para prejudicá-las, mesmo na ausência de intenções de discriminação; discriminação atitudinal; exclusão e/ou marginalização de esferas públicas e corpos deliberativos; e negação de direitos legais plenos e igualdade de proteção. (FRASER, 2001, p.64).

As ações afirmativas dispõem-se a oferecer a grupos que são historicamente discriminados e excluídos um tratamento diferenciado para compensar as desvantagens resultantes de anos de discriminação e de desigualdade. Dessa forma, essas ações incluem diversos setores da sociedade, desde o acesso ao mercado de trabalho, até a perspectiva de estudo no ensino superior. Em um cenário de profunda desigualdade, historicamente construída e debatida nesse artigo, as políticas públicas para esses grupos visam não somente a beneficiar

os componentes dos grupos desfavorecidos quanto também a distribuir a estas condições de igualdade ou, pelo menos, de equiparação, seguindo a lógica teórica de Fraser (2001).

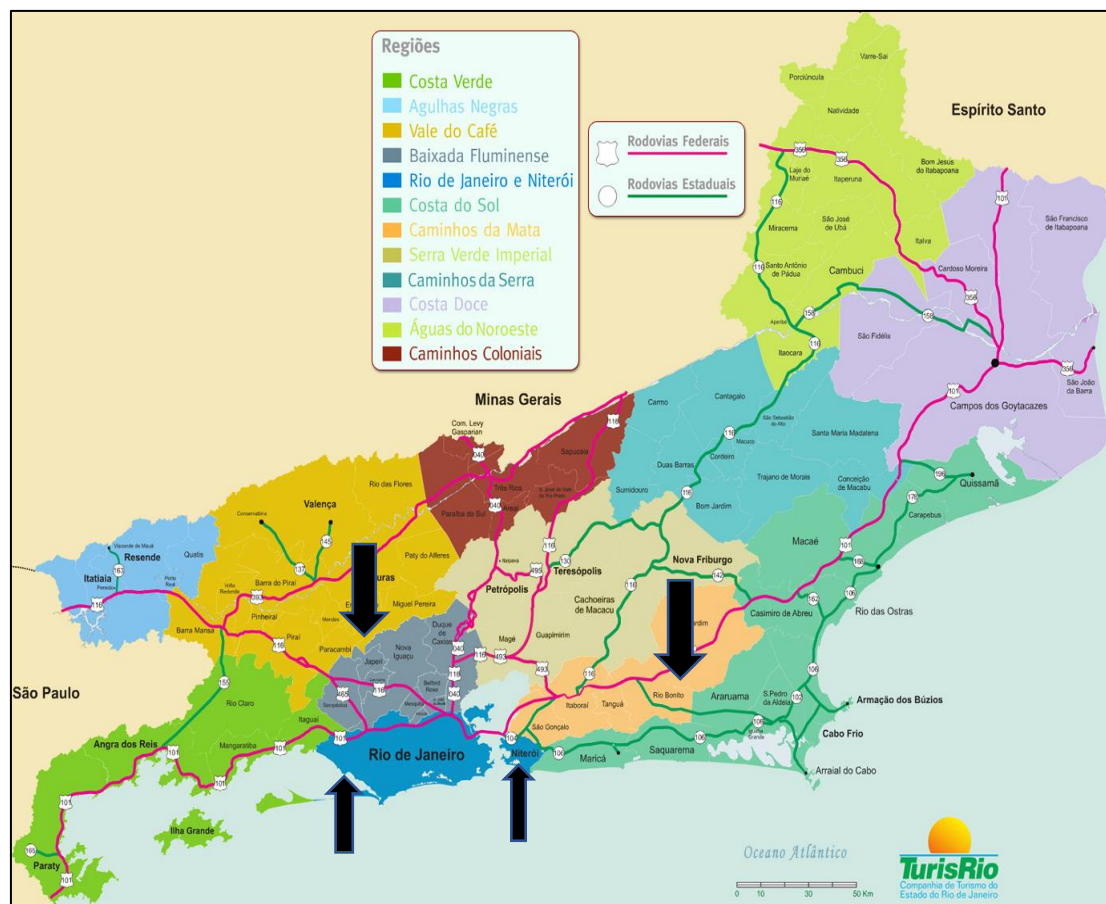
5. RESULTADOS: UM PANORAMA DO DESLOCAMENTO – “DE E PARA” O IFCS

Tabela 1 – Moradia. Com quem você mora?

Onde e com quem você mora?	Frequência	Porcentagem
Em casa ou apartamento, com sua família.	13	65,0%
Em casa ou apartamento, sozinho (a).	2	10,0%
Em casa de outros familiares	1	5,0%
Em habitação coletiva	2	10,0%
Em casa/apto, mantidos pela família para moradia do estudante	2	10,0%
Total	20	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa. Uerj (2018)

Nessa tabela, destacamos a quantidade de estudantes que ainda moram com seus pais ou com os familiares, quantidade essa que, somada ao número dos que moram na casa de outros familiares, resultará cerca cinco (5) estudantes. Esses dados levam-nos à seguinte pergunta: quantos desses precisariam de moradia / alojamento mantido pela universidade? É sabido que muitos destacam o quão difícil é ter de depender de amigos, de familiares e de conhecidos para poderem morar em um espaço mais próximo do IFCS. A fim de que os leitores deste artigo tenham uma ideia da distância, expomos algumas informações importantes abaixo.



Mapa do Estado do Rio de Janeiro.¹¹

Em qual cidade você mora?

Dos vinte (20) alunos, dezessete (17) moram na cidade do Rio de Janeiro, e três (3) residem em outras cidades do estado do Rio de Janeiro. As cidades citadas por esses estudantes são estas: Maricá, Araruama e Nova Iguaçu. Relevante é explicitar que essas três alunas foram escolhidas para serem entrevistadas, pois, dentre as questões levantadas nessa pesquisa, está o deslocamento feito por elas para / da UFRJ. Cremos ser importante a adição do mapa do estado do Rio de Janeiro para termos uma dimensão maior da distância entre cada cidade. Em números, verificou-se que, de Maricá para o Rio de Janeiro, a distância é de 58,6 quilômetros. Entre Araruama e Rio de Janeiro, são 118,4 quilômetros. No caso de Nova Iguaçu, são 49,6 quilômetros de distância. Logo, o mapa acima nos auxilia a compreender melhor os longos e exaustivos deslocamentos. Quando questionado sobre a média de duração de seu tempo de

¹¹ Disponível em: www.turisrio.com.br (acesso em 30/08/2018).

deslocamento, nove (9) alunos declararam que levam **mais de uma hora** no deslocamento, e os outros onze (11) relataram que levam **menos de uma hora**.

Na tabela a seguir, apresentamos os meios de transporte utilizados por esse grupo entrevistado. É crucial perceber que quinze (15) entrevistados disseram não ter dificuldades de deslocamento também para chegar quanto para sair do IFCS. Inferimos que essas movimentações se tornam tão elásticas em suas rotinas que ficam naturalizadas pela constância, infelizmente. Para todos os entrevistados, o fato do IFCS estar localizado no Centro do Rio de Janeiro é um fator positivo, uma vez que há, além do acesso ao metrô, muitos ônibus e possibilidade de utilização dos trens na Central do Brasil.¹²

Tabela 2 Bairro. Qual é seu bairro?

	Frequência	Distância em Km do bairro para o IFCS
Jardim Botânico	1	11Km
Copacabana	2	9km
Tijuca	2	8Km
Itaipuaçu (fora	1	30Km
Paraty (fora do	1	260km
Jardim América	1	26Km
Araruama (fora	1	110Km
Ilha do Fundão	1	18km
Méier	2	12km
Jacarepaguá	2	32 km
Nova Iguaçu	1	40Km
;) Ramos	1	16km
Parque	1	40km
Horizonte	1	40km
Botafogo	2	6km
Ilha do	1	21Km
Governador	1	21Km
Total	20	xxxxxxx

Fonte: Dados da pesquisa. Uerj (2018)

Nessas informações sobre os bairros, colocamos ao lado a distância, em quilômetros, para que tenhamos uma ideia acerca dos deslocamentos feitos pelos estudantes, partindo de seus

¹² <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esta%C3%A7%C3%A3o_Central_do_Brasil>

respectivos bairros até a universidade. Nas entrevistas a seguir, fica evidente que essa distância é compreendida por cada um de uma maneira diferente, e isso influencia a forma como podemos entender as desigualdades e as estratégias de permanência na universidade.

Tabela 3. Como se locomove? Qual ou quais os meios de transporte que você utiliza para o deslocamento (indo e vindo) *para e da* UFRJ/ IFCS?

Deslocamento (De/ Para)	Frequência	Porcentagem
Ônibus Urbano (Dentro do município do Rio de Janeiro)	11	55,0%
A pé/carona/bicicleta	3	15,0%
Metrô	3	15,0%
Ônibus Intermunicipal (Entre cidades da região)	3	15,0%
Total	20	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa. Uerj (2018)

Um dos entrevistados mora na cidade de Araruama. Considerando ser um local de fora da cidade do Rio de Janeiro, perguntamos a ele sobre a distância entre sua casa / cidade e o IFCS, situado no Centro do Rio, e a relação com a quantidade de transportes que ele utiliza em seu trajeto. Segundo Henrique¹³: “É um pouquinho longe, é um pouco longe, considero longe. Acho que é mais caro que longe. São três horas de viagem, mas eu não sinto tanto a distância. Às vezes, fico entediado, mas não tanto”. Nítido está para nós que ele se acostumou com a distância, atribuindo um valor negativo somente às despesas com os quatro ônibus que é obrigado a utilizar para chegar à universidade. Mas, quando ele precisa chegar à noite a casa, ele vai direto a Niterói devido ao receio de perder um dos transportes, justificando seu medo desta maneira:

[...]Porque se eu perco um (transporte), eu posso ficar no meio do caminho e não vou conseguir nem ir pra frente...não vou conseguir nem voltar pro Rio e nem ir adiante, então vou ter que ficar na rua. Então, de noite, eu vou direto para Niterói. Da Alameda, eu pego ônibus até o Centro de Araruama e depois pego uma van até minha casa, ou Uber. (Entrevista do estudante Henrique Soares, concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac no dia 19 de outubro de 2017).

¹³ Os nomes utilizados são fictícios de modo a garantir o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa.

Dentre as perguntas elaboradas em relação ao deslocamento / local de moradia, buscamos identificar as razões pelas quais os alunos iam para a UFRJ, mesmo tendo outras universidades mais próximas de suas residências. Surge a seguinte noção: quando se pensa na geografia das oportunidades educacionais, precisamos ir além e compreendermos os aspectos simbólicos que envolvem certas escolhas. O prestígio da UFRJ é destaque. Questionada a razão para a escolha pela UFRJ, Henrique (2017) é enfático e diz isto: “Vim para UFRJ por causa do nome. Só por isso. Eu não analisei currículo. Eu vim aqui antes, descobri que Ciências Sociais era aqui no IFCS, eu achei o prédio legal”. Esse estudante continua sua explanação dizendo: “(...) por exemplo, pra eu estar num evento aqui 7h da manhã, não tem como eu sair de lá, então eu teria que vir pro Rio”. Percebemos que o entrevistado apontou que os problemas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), outra opção que ele tinha para cursar, pesaram na decisão de ele ficar na UFRJ.

A informação sobre a possibilidade de bolsas e de acessos a mais recursos contribuiu para a escolha feita por ele. Nas palavras desse entrevistado: “Meu primo também estudou em universidade pública e falou que provavelmente eu conseguiria mais bolsa, teria mais acesso a algumas coisas na UFRJ, por ser federal”. Quando perguntamos sobre a possibilidade de ele estudar na Universidade Federal Fluminense (UFF), localizada na cidade de Niterói e de melhor acesso para ele, sua resposta foi esta: “E, eu estudava em Niterói, só que por algum motivo que eu não sei explicar, eu não gostava da UFF, aí eu nem quis saber da UFF”.

Já Carolina (2017), aluna do bacharelado em Ciências Sociais da UFRJ, foi uma das alunas que pediu reingresso para a licenciatura na própria universidade e que está, ao mesmo tempo, fazendo o mestrado em uma outra instituição, mora em Maricá, uma cidade também distante do Rio de Janeiro. Segundo ela, o fato de ter de ir duas ou três vezes na semana ao Rio é uma situação desgastante, mas considerada um processo “gradual” nas palavras da entrevistada, já que, segundo ela, “Não tive problema nenhum (em ir e vir de Maricá pro Rio). Porque de certa forma foi meio gradual, porque, no Fundamental II, eu fui pro Centro de Maricá; no Ensino Médio, eu fui pra Niterói, aí na faculdade eu vim pro Rio” (CAROLINA, 2017).

Quando questionada sobre a distância, ela conta que conseguiu se mudar para o Rio de Janeiro, ao longo do Bacharelado e que estava morando em Vaz Lobo, um bairro na cidade do Rio de Janeiro, na casa de uma parente. Mas, de acordo com seu relato, a violência foi o fator que a fez preferir fazer o deslocamento do Rio – Maricá.

[...]Então eu saí de lá por causa da violência, eu não quero ficar lá. Porque lá (em Maricá) de qualquer forma eu tenho uma vida mais fácil, porque moro com minha mãe...Morar com os pais enquanto fazer o Mestrado é muito mais prático, te dá muito mais tempo pra cuidar da pesquisa. (Entrevista da estudante Carolina Machado concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 5 de novembro de 2017).

Quando buscamos entender as consequências práticas dessa decisão, Carolina é enfática, ao dizer que é o deslocamento. Além de declarar de que forma isso atinge sua participação em eventos acadêmicos na universidade. Nas palavras dela: “O evento acadêmico começa às nove da manhã e vai até as cinco horas da tarde. Pra estar aqui nove horas da manhã, eu vou ter que passar por Niterói, no horário do *rush*. Então eu acabo levando três horas de lá até aqui. Então, pra estar aqui às nove, eu teria que sair de casa às seis e acordar às cinco. Mas, se for coisa de manhã, não dá. Então eu tive que cortar da minha agenda todos os eventos que começassem de manhã, ou, pelo menos, não participar da programação da manhã desses eventos. (...)sempre estudei longe de casa, sempre, sempre. Também tinha que pensar que tinha todo um planejamento...tipo, tinha que estar lá às oito, então...acordar muito cedo. As aulas às sete da manhã eram um sacrifício”. (CAROLINA, 2017).

Quando discutimos as estratégias de permanência desses estudantes na universidade, a fala de Helena (2017) mostra que os alunos saem em grupos para assegurar uma certa segurança no caminho até o transporte público, indicadores que reforçam que a insegurança e a distância foram dois fatores que quase a impediram de estar matriculada no curso e de concluí-lo. Nas palavras da entrevistada, a definição dela para o que chama “dilema”: “Então, todo mundo da minha família era muito contra e tal; só quem apoiava mesmo era minha mãe. Aí, no início, eu fiquei na casa da prima do meu pai, em Laranjeiras.” Quando Helena decidiu voltar para a sua residência, em Nova Iguaçu, ela declara que

[...]são duas horas indo e voltando, assim, aí eu pegava um ônibus que vai pela Brasil direto, que era menos perigoso do que o trem, mas bem entre aspas, né. Porque o trem é impossível pegar. É impossível pegar depois das nove porque é “tipo” muito perigoso. (Entrevista da estudante Helena Camargo concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 19 de outubro de 2017).

Uma terceira estratégia utilizada pela estudante foi ficar na casa de uma amiga durante o último ano da universidade. De acordo com Helena (2017),:“Porque a gente não tem uma condição de ter um estágio que dê pra se manter dentro da universidade e pagar por um lugar

pra você ficar durante esse período de estágio”. Nesse momento, o centro do RJ torna-se um elemento positivo, pois a proximidade do trem é algo bem positivo em seu relato:

[...]O centro em si é bem melhor que os outros lugares que tem universidade assim, aqui no Rio. Pra compensar, aqui tem o trem, é mais próximo e tal, porque pra lá não existe, né. Tipo, tem a Rural que é mais próximo, mas eu optei por vir pra cá. (Entrevista da estudante Helena Camargo concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 19 de outubro de 2017).

Para Márcia (2017), outra entrevistada, mesmo com os problemas que teve de enfrentar, o curso é enaltecido. Ela diz que foram poucas as vezes em que pensou em desistir do curso devido à grande aprendizagem que teve até o presente momento. Segundo ela, “Eu moro em Santa Cruz, né. Então, eu sempre gostei muito de vir pro centro da cidade e tal, aí adorava esse prédio do IFCS e aí eu descobri que aqui tinha Ciências Sociais, aí eu falei eu quero estudar lá”. (MÁRCIA, 2017).

Como vimos, as estratégias estavam ligadas ao meio de transporte. Para Aline, mais uma das universitárias que aceitou fazer parte desta pesquisa, a distância pesou na escolha. Em sua opinião, “A UERJ eu não fui por conta da distância. Tem metrô direto?”. Todavia, assim que passou no vestibular para o IFCS, estava com problemas familiares que não a permitia estudar longe de sua residência. Isso justifica a escolha pelo IFCS. Sua fala é a seguinte:

[...]Sempre procurei, até mesmo quando eu fui fazer Direito (a primeira graduação da entrevistada), tentar algo que eu pudesse chegar em casa o mais rápido possível, ter uma facilidade de condução... “Ah, sua mãe tá passando mal”, vamos pra lá! Eu sempre procurei trabalhar no centro até pra poder dar essa assistência a ela. (Entrevista da estudante Aline Moreira concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 29 de outubro de 2017).

A próxima integrante do grupo de entrevistadas é Júlia, um caso interessante. Essa jovem, que é natural de Barra Mansa, uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, por ter obtido a aprovação na UFRJ, recebeu da família uma ajuda fundamental: uma casa, que era propriedade de sua família, e que fica na região da Tijuca. Nesse bairro, portanto, Júlia residiu durante toda a graduação. Ela mesma declara a oportunidade ímpar que teve:

[...] E aí também me põe nesse privilégio de não depender de aluguel no Rio de Janeiro. Entendo ele também. Porque sinceramente, se não tivesse, meus pais não teriam como ter me mantido aqui...não tenho gasto nenhum. Eu aqui ou em Barra Mansa. (Entrevista da estudante Júlia Cardoso concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 29 de outubro de 2017).

São dessa mesma aluna esta reflexão acerca do privilégio que teve por morar próximo da universidade:

[...]Então, eu moro muito perto do metrô. Tipo, cinco minutos do metrô, um quarteirão, menos que isso. E aqui também é muito perto do metrô, né. Aí...eu acho muito perto. Eu falo que é muito perto pras pessoas quando elas me perguntam. Porque eu saio meia hora antes de casa. Antes, quando não tinha o metrô da Uruguai, que foi a época do Bacharelado, eu pegava na Saens Pena. Aí isso me dava 10 minutos a mais de caminhada. Eu reconheço muito o privilégio disso, assim. Porque no Bacharelado principalmente [...]e agora na Licenciatura também, tem muitos amigos que moram longe. E, às vezes, a gente sai da aula, eu estou em casa deitando pra dormir, e os meus amigos estão no transporte ainda, sabe. Tipo, “vou dormir, boa noite”, e eles “cara, nem cheguei em casa ainda”. E aí é óbvio, como cientista social que sou, eu não ter como não reconhecer o privilégio disso. Eu tinha uma amiga, no Bacharelado, que morava na Ilha (do Governador) e que tinha que sair duas horas antes de casa, pra chegar aqui oito e meia, porque é o horário de pior trânsito ali naquela “gargalhão” da Ilha . E pra mim, saía 40 minutos...e ainda saía atrasada, às vezes. (Entrevista da estudante Júlia Cardoso concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 29 de outubro de 2017).

O perfil do estudante da licenciatura também é um fator que chama a atenção de Júlia, visto que normalmente é o estudante trabalhador. É algo que ela não percebia quando fazia o curso de bacharelado. Segundo ela:

(...) que a Licenciatura tem uma coisa interessante: é que muita gente vem direto do trabalho. Muita gente vem direto de alguma coisa, sabe. Até o pessoal que só estuda, também. Às vezes, já está aqui no centro fazendo alguma atividade, alguma coisa assim. Dificilmente eu vejo as pessoas saindo de casa pra vir pra aula, na Licenciatura. Sempre rola, “ah, eu tenho que fazer alguma coisa antes” e tal. Eu achava isso mais gritante, mas na hora de voltar tem disso...tipo, o pessoal chega bem mais tarde e sai bem mais cedo, de manhã. (Entrevista da estudante Júlia Cardoso concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 29 de outubro de 2017).

Um outro dado significativo que observamos no grupo de entrevistados é exemplificado pela estudantes Helena, que já começa a entrevista comentando sobre a dificuldade de chegar ao local combinado para ouvirmos seu depoimento. Nas palavras dela: “É um perrengue. Hoje, por exemplo, você marcou comigo às 16h 30min. Eu saí de casa 14h 40min. ou seja, cheguei aqui no Rio eram 16h 30 min.. E olha que eu peguei o ônibus rápido”. Concluímos que a necessidade de uma adaptação é algo presente em todas as falas e, no caso da Helena, vinha adicionado ao trabalho, já que, em sua fala, se observa o peso que o trabalho apresenta para o respeito ao horário das aulas: “Eu saía do trabalho todo dia quatro horas, eu pegava mais cedo no trabalho pra poder sair e eu não podia fazer matéria todos os dias porque o trabalho não podia me dispensar todos os dias. Eu tinha que cumprir uma certa carga horária, mas não tinha como fazer isso. Então, eu saía de lá, vinha direto pra cá, e, na época, eu vinha até de metrô porque o metrô você tem uma noção...vai sair sempre naquele mesmo tempo, então...mas o

problema era sempre a volta, né. Ainda mais...às vezes, você sai daqui dez horas, até eu pegar o ônibus, chegava em casa meia-noite”.

Quando buscavamos entender os eventos acadêmicos de que ela participava na universidade, Helena nos disse que, por conta do trabalho, não aproveitou tanto a faculdade. Nas palavras dela:

[...]Eu não tinha como, né. Eu trabalhava, estava o dia inteiro trabalhando, eu saía do trabalho e vinha pra cá. Eu saía de cá e ia correndo pra casa. E assim meu dia acabava, e a semana passava. Agora, eu deixei muito pro final, eu sinto que..eu não tinha coragem de largar meu emprego, eu não conseguia viver sem trabalhar, então eu fui botando pra frente, pra frente, pra frente...até não conseguir mais. Até falar “não dá, eu preciso parar agora”. E aí parece que eu devo ter mais um semestre aqui, e esse semestre é o semestre que eu quero aproveitar. Porque eu queria muito ser monitora e eu não consegui ser, eu queria muito fazer PIBID e não consegui fazer. Então eu queria aproveitar esse último semestre pra fazer tudo que eu tenho pra fazer no IFCS. (risos) Porque eu também não vou poder ficar sem trabalhar pra sempre. (Entrevista da estudante Helena Camargo concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 19 de outubro de 2017).

Helena, mora em Nova Iguaçu e, por isso, quisemos indagar-lhe a escolha do IFCS ao invés de uma universidade mais próxima da casa dela. Sua resposta segue um padrão interessante:

[...]Mais perto da minha casa é a Rural, né. Que também não é tão perto, Seropédica. E eu não via, no curso de Ciências Sociais em Seropédica, a mesma infraestrutura que eu via no IFCS, o mesmo peso do IFCS. Lá eles não têm essa...não é uma cultura deles o curso de Ciências Sociais. Aí também lá era Bacharelado, era diurno. O curso não tinha uma boa avaliação, eu até pensei na época, e foi uma das minhas opções, mas querendo sempre, a primeira opção, IFCS. Até porque é pro Centro, é mais fácil você chegar no Centro do Rio, né. Assim, há diversos meios de transporte, mas a duração das viagens é muito longa, até porque, tendo em vista essas obras na Avenida Brasil e tudo mais, isso dificulta. Pra mim, vir de carro pra mim é inviável porque o preço dos estacionamentos é exorbitante aqui no Rio. Eu teria que despende uma boa grana, e eu não fazia isso quando eu tinha um emprego. Agora que eu não tenho é que eu não vou fazer mesmo. (Entrevista da estudante Helena Camargo concedida à pesquisadora Sara Esther Dias Zarucki Tabac, no dia 19 de outubro de 2017).

Michel Agier (2011) é enfático ao dizer que os lugares próximos do cidadão são aqueles com os quais ele se identifica o mais espontaneamente possível, são espaços de sobreposição quase perfeita entre um quadro físico e um sentimento de pertencimento a uma coletividade. Muitos dos entrevistados, como pudemos observar, possuem uma relação com a cidade que vai muito além de uma percepção meramente física. Para alguns, a necessidade de sair de suas cidades e de vir para a Cidade, envolve percursos e caminhadas que relativizam distâncias e que constroem o que chamamos uma “cidade socialmente construída”, no sentido de existir quase que uma cidade imaginada para cada entrevistado.

Em uma das conversas informais com um dos entrevistados, demonstramos nossa preocupação com o retorno a sua residência, tendo em vista o horário, já que eram quase 21h. A resposta dele nos causou uma grande surpresa: “Araruama não é longe! Fique tranquila. Longe é o Méier, isso sim! Pego quatro conduções e, até meia-noite, estarei em casa”. (Henrique, 2017). A cidade é, pois, uma construção social feita pelos próprios cidadãos e precisa, portanto, ter sua devida importância na relação entre eles. Por isso, buscamos entender a razão pela qual os entrevistados não buscaram o curso em outras universidades mais próximas de suas residências.

Galster e Killen (1995 *apud* CAMPELO e ALVES, 2012) são categóricos ao afirmarem que não só as normas dominantes no grupo, os valores, os padrões de conduta aceitáveis e as trajetórias de vida variam segundo o contexto, como também os tipos de informações a que os indivíduos têm acesso e as disponíveis, que afetam diretamente a percepção acerca da estrutura de oportunidades sobre a qual deve tomar uma decisão.

Além das possibilidades de oportunidades, recorremos à Sandra de Sá Carneiro (2009) no intuito de trazer uma contribuição à desconstrução da própria ideia de fronteiras construídas entre as áreas no Rio de Janeiro. Para além de uma construção sobre “Zona Norte” ou “Zona Sul”, é de suma importância problematizarmos essa construção do território metropolitano e entendermos além das fronteiras. É importante, por outro lado, compreendermos as formas de ocupação de seus espaços. “Por isso, é importante chamar a atenção para o fato de que perderemos em acuidade analítica cada vez que aceitarmos a divisão geográfico-social da cidade de forma essencialista e absolutista”. (CARNEIRO, 2009, p.194).

Ainda segundo a autora, a experiência social de viver em uma grande metrópole, nos grandes centros urbanos, devido à maior complexidade, à heterogeneidade cultural e à fragmentação de papéis pode favorecer a percepção das diferenças socioculturais. Transitar na cidade do Rio de Janeiro é sempre um convite que desperta o desejo de entender suas múltiplas faces e contrastes. (CARNEIRO, 2009, p.205).

Essa relação entre estudo e trabalho é algo pesquisado há tempos dentro das Ciências Sociais. Nesta pesquisa, gostaríamos de destacar o alto número de pessoas que estão inseridas em trabalhos informais (bicos ou até esporádicos). É significativo darmos atenção a esse grupo de alunos e entendermos a razão -que nem sempre é econômica - para que eles estejam trabalhando, enquanto fazem o curso superior.

Uma informação já discutida nesse trabalho e trazida pelas autoras no texto é que a universidade é historicamente um local de “formação de profissionais recrutados entre os filhos da elite” (CARDOSO; SAMPAIO, 1994. p.2) e, nesse sentido, os estudantes da pesquisa se enquadram fora desse grupo historicamente privilegiado. É importante destacar que esses trabalhos informais são reflexo de universitários que não podem ter horários muito rígidos de trabalho, tendo em vista não somente o tempo de deslocamento até a universidade, como também o tempo no labor. O curso é noturno e começa às 18 h. Logo, uma jornada formal de oito horas pode ser muito apertada, não permitindo a realização de estágio e/ou de atividades extracurriculares.

6. UMA BREVE CONCLUSÃO

No Brasil, país marcado por profundas e persistentes desigualdades, a universidade se torna uma das instituições em que é possível perceber suas marcas. Bourdieu (1998), ao dizer que a escola não possui uma neutralidade, declara ser esta uma instituição reprodutora das desigualdades sociais. Com esse posicionamento, entendemos a necessidade de irmos além de políticas públicas educacionais focadas. Ademais, aquilo que Mesquita (2009) afirma serem os “desafios diários” dos estudantes da USP, conseguimos observar como caminhos semelhantes entre os alunos de licenciatura em Ciências Sociais da UFRJ.

Fraser (2001), quando afirma que é necessário garantirmos um tratamento diferenciado a esse público, oriundo de políticas públicas, endossa a questão apresentada na pesquisa: como garantir a permanência desses alunos? Em resposta a isso, declaramos que seis das alunas entrevistadas, continuaram no curso, persistindo, portanto. Contudo, podemos abrir caminhos de pesquisas futuras para pensarmos as razões da evasão de muitos outros.

Sem dúvidas, compreender as dificuldades que os alunos levavam todos os dias, a fim de se deslocarem *para e da* universidade, nos faz pensar não só na necessidade de uma maior e melhor integração entre as cidades próximas /fronteiriças ao Rio de Janeiro, como também no desgaste e no esforço desses estudantes para concluírem o curso. O prestígio da universidade, interligada ao seu diploma de prestígio, pesa nas escolhas e, por isso, de certa forma, ameniza esses esforços focados como uma atividade liberal e de responsabilidade de seus indivíduos. Ficam estes questionamentos: Como a UFRJ pode dar um suporte a esses alunos? Mais do que nunca, destacamos a importância da sociologia urbana e de sua caminhada em paralelo com a

Sociologia da Educação, com o propósito de pensarmos em uma cidade e uma universidade realmente integradas, estando esta capaz de possibilitar o acesso a todos que nela queiram se matricular.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Editora Terceiro Nome, 2018.

ALMEIDA, W. M. **Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade**. Cad. CRH, v. 20, n. 49, 2007.

ALMEIDA, W. M. **USP para todos? Estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública**. São Paulo: Musa editora, 2009.- Musa Sociologia.1967.7-43, 1995.

BORJA, Jordi, et al. **Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información**. Madrid: Taurus, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. "In: Escritos de educação 8, Editora Vozes, 1998. pp. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. **Futuro de classe e causalidade do provável**. In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio Mendes (Org.). Escritos de educação. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.p.81-126.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2005**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm >. Acesso em 10 de dezembro de 2014.

CAMARGO, Helena. **Helena Camargo**: entrevista [19 de outubro 2017]. Entrevistadora: Sara Esther Dias Zarucki Tabac. Rio de Janeiro: edição da autora, 2017. 1 gravador de voz digital Sony. Entrevista concedida para a pesquisa de doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

CARDOSO, Júlia. **Júlia Cardoso** [29 de outubro 2017]. Entrevistadora: Sara Esther Dias Zarucki Tabac. Rio de Janeiro: edição da autora, 2017. 1 gravador de voz digital Sony. Entrevista concedida para a pesquisa de doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

CARDOSO, Ruth CL; SAMPAIO, Helena. **Estudantes universitários e o trabalho**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 26, n. 9, p. 30-50, 1994.

CARNEIRO, Sandra de Sá. **Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 193-217, 2009.

CONSTÂNCIO, MÁRCIA. **Márcia Constâncio**: entrevista [29 de outubro 2017]. Entrevistadora: Sara Esther Dias Zarucki Tabac. Rio de Janeiro: edição da autora, 2017. 1 gravador de voz digital Sony. Entrevista concedida para a pesquisa de doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

DE QUEIROZ RIBEIRO, Luiz Cesar; KOSLINSKI, Mariane C. **Fronteiras urbanas da democratização das oportunidades educacionais: o caso do Rio de Janeiro**. Desigualdades urbanas, desigualdades escolares, p. 121, 2010.

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós socialista. Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 245-282, 2001.

HONORATO, Gabriela; HERINGER, Rosana (Ed.). **Acesso e sucesso no ensino superior: uma sociologia dos estudantes**. FAPERJ, 2015.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; ALVES, Fátima; LANGE, Wolfram Johannes. **Desigualdades educacionais em contextos urbanos: um estudo da geografia de oportunidades educacionais na cidade do Rio de Janeiro**. Educ. Soc., Campinas, v. 34, n. 125, p. 1175-1202, Dec. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302013000400009&lng=en&nrm=iso>.

MACHADO, Carolina. **Carolina Machado** [05 de novembro 2017]. Entrevistadora: Sara Esther Dias Zarucki Tabac. Rio de Janeiro: edição da autora, 2017. 1 gravador de voz digital Sony. Entrevista concedida para a pesquisa de doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

MARSHALL, T. H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MOREIRA, Aline. **Aline Moreira** [29 de outubro 2017]. Entrevistadora: Sara Esther Dias Zarucki Tabac. Rio de Janeiro: edição da autora, 2017. 1 gravador de voz digital Sony. Entrevista concedida para a pesquisa de doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

PEIRANO, Mariza. 2014. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos/ UFRGS. IFCH, PPGAS, Porto Alegre: PPGAS, Ano 20, no. 42, p.377-391.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz et al. **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

SIMMEL, Georg. **Metrópole e vida mental** In: VELHO, Otávio G.(org.) *O fenômeno urbano*. 1976.

SOARES, Henrique. **Henrique Soares**: entrevista [19 de outubro 2017]. Entrevistadora: Sara Esther Dias Zarucki Tabac. Rio de Janeiro: edição da autora, 2017. 1 gravador de voz digital Sony. Entrevista concedida para a pesquisa de doutoramento da autora em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte, MG. Argvmentvm, 2010.